

JOSÉ DE MESQUITA
(Do Instituto Histórico de Mato Grosso)

Rondon, o novo bandeirante

Cuiabá
Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso
Tomo XLIII - Ano XXII
1940

JOSÉ DE MESQUITA



José Barnabé de Mesquita
(*10/03/1892 †22/06/1961)
Cuiabá - Mato Grosso

Biblioteca Virtual José de Mesquita
<http://www.jmesquita.brtdata.com.br/bvjmesquita.htm>

O DIA DE RONDON

DISCURSO DO ACADEMICO JOSÉ DE MESQUITA PELO INSTITUTO HISTÓRICO DE MATO GROSSO

O Instituto Histórico de Mato Grosso preitêa na pessoa do seu presidente honorário, o general Candido Mariano da Silva Rondon, a própria terra natal, encarnada num dos seus homens-símbolos. Porque Rondon, meus senhores, deixa de ser um nome para se tornar a personificação viva e palpitante da gleba matogrossense, com a qual se identificou totalmente, pela sua vida e pela sua obra. 50 anos atrás ele entrava, simples tenente do glorioso Exército Nacional, ao lado do tenente-coronel Carneiro, os sertões do Leste, ligando Cuiabá às extremas orientais onde o Araguaia desliza placidamente as suas águas, 17 anos após, já coronel, iniciava a penetração do Norte misterioso, aproximando Cuiabá do longínquo Santo Antonio do Madeira e abrindo ao mundo esse mundo-novo, que é Rondônia.

E a Comissão Rondon tornou-se o laboratório vivo dos estudos de geografia, etnografia, da flora, fauna e riquezas minerais de Mato Grosso. Uma verdadeira plêiade de sábios, especializados nos mais diversos ramos, se formou em torno de Rondon, o grande propulsor e animador desses estudos. E Mato Grosso passou a ser conhecido e divulgado e a interessar aos observadores estranhos, através dessa farta messe de monografias, ensaios e trabalhos técnicos da Comissão Rondon.

A par dessa grande obra de ciência e divulgação, está a sua obra social e política na identificação dos índios, na abertura de estradas, no incremento de povoações, alargando as fronteiras da civilização dentro dos limites geográficos do Estado.

E por onde passava, com os seus soldados e os seus caboclos, Rondon ia estendendo os fios do telegrafo, que os

indígenas, no dizer de Roquete Pinto, expressivamente cognominaram «língua de Mariano». E, na obra rondoniana, grandiosa como cariátides enormes, avulta esse fundo sublime da bondade, porque Rondon se abeberou desse «leite da ternura humana» sem o qual são precárias e falhas todas as iniciativas.

Exemplo vivo temos na sua atitude diante do índio e do sertanejo, cujo protetor natural se constituiu, chegando a fraternizar inimigos seculares, como os *parecis* e os *nambikuaras*. Rondon é bem, por isso tudo um homem-símbolo, desses que, como Luiz Albuquerque e Ricardo Franco, durante o regime colonial, Luis de Alincourt e Leverger, na fase monárquica, marcam uma época, através da sua atuação e dos seus estudos.

Porque, senhores, trabalhar por Mato Grosso é isso – renunciar, anos a fio, ao conforto e ao bem estar, pelos riscos e agruras da vida rude do sertão. É sentir, nos seus mais íntimos palpites, a alma do silvícola, do caboclo, do brasileiro que vive no recôndito das matas e dos capões solitários, conservando como em rijo cerne as energias vitais da nacionalidade.

É esse entregar-se dia e noite ao exame de nossos problemas fundamentais, aprofundando as nossas origens rácicas, como as componentes hidrográficas e as formações geológicas de nossa imensa Interlândia. Pode bem dizer que viveu pela sua terra, quem assim viveu, mixto extranho de sábio e de bandeirante, e que se pode afirmar traçou a carta de Mato Grosso cortando-lhe, palmo a palmo, o território, devassando as nascentes dos seus rios e galgando os espigões de suas serras.

O Instituto Histórico não cultua outras grandezas que não as que defluem dessas credenciais do trabalho, do patriotismo e do estudo – e sente-se, por isso, bem ao resgatar velho compromisso, expondo hoje, na sua sede, ao carinho e à admiração da nossa gente, a efígie dum dos servidores máximos de nossa terra.

RONDON, O NOVO BANDEIRANTE

Hoene, um dos eméritos colaboradores da obra de Rondon, aponta, entre os príncipes do nosso reino vegetal, dignos de menção pela beleza e agigantado do seu porte – o anajaz, *maximilions regia* – palmeira de grandes frondes, cujas copas magestosas se elevam sobre a paisagem, indicando, geralmente, bom terreno.

Nós podemos ver em Rondon o anajaz, que pompeando em altura e grandeza, pela sua obra ciclópica, é bem, na selva matogrossense, a palmeira que, nascida em meio aos pantanais de Mimoso, nesta boa e generosa terra cuiabana, hoje braceja a fronde fecunda e benéfica não só pela vastidão do nosso Estado, mas dum extremo a outro da Pátria, como uma das mais sadias afirmações do espírito da brasilidade.

Dele se poderá dizer, como do Rondon do século-bandeirante, o estro bilaqueano numa pagina imortal:

*Germinarão as sagradas sementes
Das gotas de suor, das lágrimas ardentes!
Hão de frutificar as fomes e as vigílias,
Quando, um dia, povoada a terra em que te deitas,
Quando, aos beijos do sol, sobrarem as colheitas,
Quando, aos beijos do amor, crescerem as famílias,*

*Tu cantarás na voz dos sinos, nas charruas,
No esto da multidão, no tumultuar das ruas
No clamor do trabalho e nos hinos da paz!
E subjugando o olvido, através das idades,
Violador de sertões, plantador de cidades,
Dentro do coração da pátria viverás!*

JOSÉ DE MESQUITA

NOVO BANDEIRANTE

AO GENERAL RONDON

José de Mesquita

Foi isso há muito tempo . . . Inda, incertas, flutuavam
as névoas da manhã que viu chegar Cabral
e em toda a natureza hinos mil se alternavam
na apoteose de luz do amplo céu tropical.

Descobrira-se um mundo e, entretanto, a esse mundo
do mistério envolvia o denso e escuro véu
e, esfinge a decifrar, ficava, ermo e profundo,
o infinito sertão sob o infinito céu.

Quis, porém, o destino aqui nestas paragens
uma raça crear, ardente como os sóes,
que nas veias tivesse sangue dos selvagens
e na alma a fibratura e o arroio dos herois,

um povo forte e bom, e abnegado e lhano
talhado a molde antigo, ousado, forte, audaz,
tisonado pelo ardor do sol americano,
forte na luta quão magnânimo na paz.

E começou, então, essa lide gloriosa:
o homem a conquistar a terra. Abre-se então
na nossa história essa epopéa luminosa
das bandeiras fazendo a rota do sertão.

Aos poucos, palmo a palmo, a nossa virgem terra
foi mostrando, um por um, seus escrínios gentis,
os tesouros sem fim que o seu sub-solo encerra,
ativando a ambição em assomos febris.

RODON, O NOVO BANDEIRANTE

É a página de luz que os velhos sertanistas
escreveram um dia, entre arrojos geniais,
quando as grandes monções e bandeiras paulistas
descobrem Mato Grosso e Minas e Goiás.

Hoje que se passou esse ciclo brilhante
e que a voz do progresso –a civilização –
reboa no país, qual hino triunfante,
dos vales às rechans, da cidade ao sertão,

ainda existia, entanto, uma região bravia,
esplêndida e feraz, à espera do valor
do denodado herói que a desbravasse um dia
– e esse herói fostes vós, egrégio lutador.

Atravessando mil desconhecidas zonas,
entre riscos sem conta, impávido, a seguir,
do rico Mato Grosso ao cálido Amazonas
vós abristes a rota às gerações por vir.

Acrescentastes mais um capítulo à história
das bandeiras rasgando amplos sertões hostis.
Abra-se para vós o céu azul da Glória,
pois que fizeste jus às bênçãos do país!